



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1104

11.05.2024 (135)

Michael Kühnen

A segunda revolução Volume II: O Estado Popular

Parte 1

PREÂMBULO

"O Estado Popular" é o segundo volume dos meus escritos programáticos sobre a Segunda Revolução que se aproxima.

O primeiro volume, "Glaube und Kampf" (Fé e Luta), tratava sobretudo da visão do mundo dos nacional-socialistas da geração mais jovem; desta vez, trata da forma e do projecto do novo Reich de todos os alemães.

A nossa principal exigência na luta política quotidiana é:

"LIFT NS BAN!"

Sem um desenvolvimento livre do renovado Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães não haverá renascimento nacional. Este objectivo, indiscutível no círculo dos camaradas, continua, no entanto, a ser alvo de uma incompreensão generalizada entre o grande público:

A insatisfação com o sistema partidário ossificado está a aumentar e o nacional-socialismo é também cada vez mais visto de forma positiva. No entanto, é demasiado provável que se veja o nacional-socialismo como uma forma de governo que

desapareceu sem deixar rasto em 1945, em vez de uma ideia que tem uma resposta para os problemas do presente e do futuro. Assim, o interesse crescente por Adolf Hitler, pela sua ideia e pelo seu Estado é mais histórico do que político. Temos de mudar esta situação se quisermos ser levados a sério como uma força revolucionária entre o povo.

Não queremos continuar a ser vistos como "fetichistas de uniformes", como "arlequins de Hitler", refutamos o slogan do espírito à esquerda. Planeamos a revolução a partir da direita e mostramos a tradição e a transformação de um movimento vivo cujos sonhos não estão enterrados:

Sonhos de direito e liberdade, de espaço vital e poder mundial, de raça e nação, do Ocidente e da solução final da questão judaica, da terceira via para além do capitalismo e do comunismo, da Volksgemeinschaft der Deutschen.

Quero dar uma forma sólida a estes sonhos no âmbito deste segundo volume, não para criar um dogma - não somos dogmáticos cegos - mas para traçar o esboço de uma nova e mais bela Alemanha. Não estou a fazer filosofia de Estado, não estou a elaborar um programa de governo; mas tal como era necessário apresentar de novo os princípios da nossa ideia, sem fazer de uma visão do mundo uma ideologia, também temos de apresentar as nossas ideias sobre o Estado Popular Nacional-Socialista do futuro, mas sem forçar assim um movimento popular multiforme a um colete-de-forças. Os pormenores são deixados ao desenvolvimento revolucionário, mas os princípios devem ser expressos.

Alguns camaradas acusar-me-ão, talvez, de querer falsificar ou reinterpretar verdades e ideias que estão estabelecidas para sempre em "Mein Kampf". Nada poderia estar mais longe do meu pensamento!

O líder Adolf Hitler, a sua obra e a sua vida, é e continua a ser, para todos os verdadeiros nacional-socialistas, a autoridade máxima e o modelo inatingível, - mas o tempo não pára; uma ideia e um movimento devem poder mudar sem por isso renunciar aos seus princípios; a Igreja Católica mostrou-nos isso durante séculos.

E nós - a juventude nacional e socialista de um país ocupado e destruído - temos o direito de pensar no nosso caminho para a vitória. A nostalgia não substitui a política!

Por isso, escolhi o termo como subtítulo:

O nacional-socialismo entre Luís Napoleão e Mao Tsé-tung, o que pode parecer estranho para alguns antigos militantes. É claro que não estou a afirmar que o sobrinho do grande corso e o bem sucedido revolucionário chinês eram nacional-

socialistas, embora haja certamente pontos de contacto com o Bonapartismo e o Maoísmo. Mas o que está em causa é outra coisa:

O segundo império francês de Luís Napoleão é a prova de que um grande herói - apesar do seu fracasso na política de poder - pode inspirar os netos mais pequenos a uma reorganização bem sucedida.

Mas Mao Tse-tung provou-nos que a revolução não tem necessariamente de acabar numa "nova classe" de funcionários burocráticos do partido, saciados e auto-satisfeitos. Ele mostrou aos revolucionários de todo o mundo que um partido sempre renovado pode banir os perigos iminentes da reacção. Mas o terceiro modelo político para a formação do renascimento radiante do nosso Reich deve ser Ernst Röhm, o chefe do estado-maior das SA, que criou o conceito da "Segunda Revolução" e deu a sua vida por ela.

Mas tudo isto só ganha sentido tendo como pano de fundo a figura titânica de Adolf Hitler e a memória do Grande Reich alemão, que durante doze anos satisfaz o anseio dos alemães - o anseio de grandeza, dignidade, glória, liberdade e justiça social - e que caiu devido à superioridade dos inimigos e à traição da reacção. O legado dos nossos pais vive em nós.

Um dia chegará o dia da vingança!

Vou repetir, em alguns aspectos, o que já tinha dito em "Fé e Luta", mas agora vemos-lo num contexto diferente; quanto ao resto, o Dr. Goebbels ensinou-nos que a verdade não pode ser dita vezes suficientes.

Também estou a escrever estas linhas durante a minha prisão e estou consciente dos perigos da minha palavra aberta.

Mas eu sou livre por nascimento! Sou alemão - não sou um republicano de ocupação! O que é que me interessa os coletes-de-forças políticos dos vencedores de 45? Eu digo o que penso!

O que está em causa é a Alemanha. Quem quer ficar cobardemente para trás?

O SOL NUNCA SE PÕE SOBRE NÓS!

1. O ESTADO

"O Império é a paz!" - Luís Napoleão

O exemplo histórico: o segundo império

O ano de 1815 assistiu à derrota final de Napoleão.

A Batalha de Waterloo - do lado da França, de qualquer forma, apenas um massacre de jovens inexperientes e velhos veteranos de uma guerra europeia que já durava há anos - foi perdida; o grande corso foi exilado em Santa Helena, onde morreu amarga e solitariamente anos mais tarde.

Com a sua derrota, a sua morte - ao que parecia - os seus sonhos também morreram. O poderoso império francês, que tinha coberto toda a Europa com a guerra e que acabou por a dominar, foi destruído. Não restou qualquer vestígio dele. Os símbolos, os títulos e as ideias do Império Napoleónico foram proibidos em toda a Europa - mesmo na França derrotada e humilhada. As águias ficaram na poeira da história, enterradas sob rios de sangue e as maldições dos vencedores.

Os marechais e dignitários do Império foram perseguidos e tiveram uma vida miserável, a menos que servissem o sistema que os vencedores tinham determinado para a França - o regime de Anclen, o governo real reaccionário. O herdeiro do trono, o único filho de Napoleão, foi criado como um príncipe austríaco e morreu jovem.

Os franceses, que tinham sido os senhores do continente sob o comando do Imperador, que tinham apoiado entusiasticamente o seu Imperador nos dias de glória e de sucesso, mesmo quase até ao fim, tinham sido esvaziados de sangue. A massa do seu exército tinha ficado na Rússia, a Guarda tinha-se sacrificado na batalha final - sem sucesso e aparentemente sem objectivo. Centenas de milhares dos melhores tinham caído e, no entanto, o imperador tinha perdido.

Em França, falava-se da mania de César, da besta sangrenta, do megalómano que tinha sacrificado o seu povo a uma ambição pessoal desenfreada, a uma ânsia vã de glória. Aqueles que ainda erguiam a voz em defesa do antigo regime que desaparecera sem deixar rasto, apagado da terra, corriam o risco de ser despedaçados pela opinião pública ou pelos capangas da Restauração. Os fiéis ao Imperador são poucos, sem coragem e sem esperança. O império - que existia há apenas dez anos - era um sonho. Desejo irrealizável para uns poucos fiéis, pesadelo suportado pela maioria. -

Anos mais tarde, quando o caixão do Imperador é trasladado de Santa Helena para Paris, o estado de espírito da população altera-se. Os velhos gritos de "*Vive l'empereur!* - *Viva o imperador!*"

Os irmãos e os marechais do grande morto estão diante do caixão com os seus uni-

formes históricos. Mas era apenas melancolia, não um futuro. Os gritos da multidão - que não era, de modo algum, a maioria do povo - eram para um homem morto de cujas vitórias apenas restava a memória. Não havia herdeiro nem esperança de um novo começo. E como é que isso seria?

Todos os Estados da Europa tinham concordado em nunca mais tolerar um Napoleão à frente da nação francesa; apoiaram o reino corrupto com todas as suas forças. Este sistema não era particularmente popular entre o povo, mas assegurava uma certa prosperidade, estabilidade económica e paz. E alertava incessantemente para as terríveis consequências que se seguiriam inevitavelmente ao bonapartismo, que já tinha trazido o desastre à nação uma vez. Todos os movimentos dos fracos grupos leais ao imperador foram esmagados. O povo permaneceu indiferente.

Na longínqua Suíça de então, encontrava-se um jovem que tinha sonhos estranhos e loucos; a sua língua materna - o francês - falava com um estranho sotaque alemão e, em França, estava proibido de entrar. O seu nome: Luís Napoleão, sobrinho do Imperador.

Não era um génio, mas também não era estúpido. Não era uma personalidade atraente e cativante como o seu tio, mas tinha coragem: a coragem de enlouquecer! Porque não era uma loucura este jovem aventureiro reclamar o trono imperial francês? A maior parte das pessoas riam-se, algumas observavam as suas actividades com desconfiança, apenas alguns milhares de pessoas acreditavam nele:

Veteranos das guerras napoleónicas e alguns jovens que pensavam estar a sufocar na abafada era burguesa do reino cessante. Os risonhos tinham razão: duas tentativas ridículas de golpe de Estado do príncipe falham redondamente; a segunda conduz à sua detenção e a anos de prisão, dos quais consegue finalmente fugir para o estrangeiro, deixando para trás as ruínas dos seus sonhos.

Trinta anos após o fim do Império, a estabilidade da Restauração começa a desvanecer-se. As dificuldades económicas aumentam, os trabalhadores e a juventude revoltam-se, o rei foge.

Em 1848, 33 anos depois de Waterloo, a revolução é vitoriosa.

Os Bonapartistas eram apenas uma parte deste movimento revolucionário de libertação e não eram, de modo algum, a maior. Eram antes uma pequena minoria de sonhadores e aventureiros, mas as proibições tinham finalmente caído! Ainda assim, quase ninguém pensava que um império renovado fosse possível - apenas alguns o desejavam, mas os Bonapartistas podiam agora comemorar abertamente os feitos e a grandeza do imperador morto e, nesses meses, Napoleão tornou-se finalmente um herói nacional. E continua a sê-lo até aos dias de hoje.

A eleição presidencial do mesmo ano trouxe uma sensação para a jovem república. Nenhum dos numerosos grupos políticos do país estava à espera :

Luís Napoleão, que quase ninguém em França conhecia pessoalmente, cujos seguidores tinham aparecido abertamente pela primeira vez após décadas de proibição, que até então só tinha chamado a atenção dos franceses através de aventuras falhadas, foi eleito presidente por uma maioria esmagadora! "A França não elegeu uma pessoa, mas um nome - Napoleão", diziam os políticos.

Mas seguiram-se outras sensações. As potências estrangeiras, surpreendidas e chocadas, ficaram impotentes perante o facto consumado. Ameaçaram que aceitariam um Presidente Napoleão - mas nunca um Imperador Napoleão.

"O Império é a guerra!", diziam, e isto foi repetido um milhão de vezes em França pelos opositores do Príncipe Presidente. Para todos eles, o Império significava: guerra, fronteiras alargadas, batalhas constantes, uma Europa subjugada, um império mundial renovado na tradição romana. Os países estrangeiros não podiam aceitar isto e os próprios franceses receavam uma nova edição da guerra de extermínio de todos os Estados contra uma França napoleónica.

Ao que parece, ao Príncipe Presidente só restavam dois caminhos:

Luís Napoleão foi capaz de retomar o legado do seu tio, onde este tinha falhado, e de enfrentar a guerra. Poucos o teriam seguido e ele não tinha herdado o génio militar do imperador. Como poderia ele esperar vencer onde o grande morto tinha sido derrotado?

A segunda via era renunciar ao trono imperial e transformar o bonapartismo num movimento republicano democrático. Isso teria sido uma renúncia às fundações.

O Napoleão de Loul escolheu a terceira via, o que surpreendeu toda a gente, garantiu o seu lugar na história e fez dele um modelo político para nós, nacional-socialistas. Viajou pelo seu país promovendo uma renovação do Império Napoleónico. Mas cada um dos seus discursos terminava com a declaração desafiadora e, à partida, inacreditável: **"O Império é a paz!"**

Luís Napoleão não traiu a grande herança com a qual se sentia comprometido, limitou-se a tirar as consequências da derrota do seu tio sem tocar na sua fama nem alterar os seus objectivos:

- A França como grande potência - mas graças ao sucesso económico e ao progresso técnico.

- Alterar as fronteiras - mas através de pressão económica e política.
- França como a potência decisiva no continente - mas através de uma diplomacia hábil.
- tradição romana - mas sem guerra.

"O Império é a Paz!"

Luís Napoleão recordou as grandes realizações domésticas do Imperador - administração, administração da justiça, aumento da auto-consciência e da auto-confiança do povo, unidade e entusiasmo nacionais - e prometeu dar-lhes continuidade.

"O Império é a paz! Eu, tal como o Imperador, tenho grandes conquistas a fazer", disse o Príncipe Presidente, falando depois da erradicação da pobreza, do progresso técnico e económico e da grandeza interna da França.

Em 1852, Luís Napoleão aboliu a constituição republicana e, num referendo, a grande maioria dos franceses nomeou-o para o trono imperial. Chamou-se Napoleão III e os países estrangeiros mantiveram-se em silêncio. O impossível tinha sido conseguido:

37 anos após a derrota total e o ostracismo de Napoleão, surge de novo um imperador francês da casa de Bonaparte!

O resto é história. Sob o Império, que se manteve estável até à sua derrota militar para a Alemanha em 1870, a França registou enormes progressos. Surgiu a Paris moderna, os caminhos-de-ferro, a abertura do país, a industrialização, o papel de árbitro no continente que durou décadas. Luís Napoleão não era um génio, mas cumpriu o seu dever de patriota francês e de herdeiro de um grande homem. Não há monumentos que o testemunhem, está esquecido.

Mas o grande Napoleão, o outrora imperador aparentemente falhado, é considerado o maior francês do século passado - e provavelmente foi. O que ele começou e o seu sobrinho continuou, começando do zero, transformou a França na Grande Nação.

Direito e liberdade

Na vida de uma nação, há três níveis de política:

- A tarefa histórica e o sentido da vida da nação
- A governação do Estado, o governo e a economia
- A configuração da esfera de vida pessoal do cidadão individual.

Quando pensamos no Estado popular nacional-socialista, o primeiro nível - o sentido da nossa existência histórica - impõe-se-nos. Tal como o indivíduo desespera da sua felicidade e da sua vida se não conseguir enchê-la de sentido, também uma nação cai na auto-destruição se se desorientar quanto à sua missão histórica, se deixar de ver qualquer sentido em si própria, ou se a luta pela alma das massas tiver sentidos diferentes.

Este estado de coisas é visível nos regimes democráticos do Ocidente. Estes regimes autodenominam-se "sociedades pluralistas", ou seja, concedem - mesmo que só em teoria - total liberdade a todas as convicções políticas, ideológicas e religiosas. No nosso estudo sobre o capitalismo liberal, já verificámos que esta liberdade é muito limitada na RFA, por exemplo:

Existe a chamada "Ordem Básica Democrática da Liberdade" (FDGO), que é suposto ser a base vinculativa da sociedade alemã de ocupação e que estabelece assim o Weltanschauungsstaat liberalista. Na realidade, a FDGO serve apenas para manter no poder uma pequena camada de elementos estranhos ao povo.

Enquanto os democratas desrespeitam diariamente os seus próprios princípios - por exemplo, o direito básico à liberdade de opinião e de reunião -, os direitos reais das pessoas comuns estão completamente ausentes - por exemplo, o direito ao trabalho - e nem sequer se tenta criar um sentido de vida nacional, uma vez que o mandamento da reunificação da Lei Fundamental foi completamente abandonado no trabalho político prático.

Embora a Lei Fundamental nem sequer seja totalmente má em teoria, não é decididamente adequada como base ideológica comum para a nossa nação. A manutenção do poder por um grupo dirigente sem visão e sem objectivo não pode ser uma base vinculativa.

No entanto, a liberdade que resta e que pode ser utilizada por esses grupos, nos quais o sistema não vê qualquer inimigo, mas apenas uma espécie de bobo da corte, é suficiente para impedir a unidade do nosso povo e, assim, deixá-lo à deriva, sem qualquer ajuda, nos penhascos do futuro.

Por isso, para nós, nacional-socialistas, o sistema jurídico e social do Ocidente só pode ter um significado instrumental. Reconhecemos as leis dos democratas

na vontade de as eliminar para preparar o caminho do povo para um futuro seguro. Temos de procurar noutro lugar o sentido da nossa existência völkisch. No entanto, a condição básica para este sentido é a simples existência de uma nação. O direito e a liberdade são indivisíveis.

Também o povo alemão tem de reconquistar o seu direito à unidade e à liberdade de construir autonomamente a sua vida nacional. Enquanto a Grande Alemanha não estiver organizada como um Estado capaz de actuar e a sua existência não puder ser assegurada por tratados de paz, a política alemã permanecerá sempre provisória e incerta. Só com base no direito e na liberdade do nosso povo é que as nossas reflexões sobre o Volksstaat encontram o seu sentido.

Como já foi referido, a Grande Alemanha é um direito natural do nosso povo. A luta pela Grande Alemanha é uma pedra de toque decisiva:

Isto mostra quem luta pelos direitos e pela liberdade do nosso povo e quem apenas fala sobre isso. Na luta pela Grande Alemanha, o movimento de libertação alemão uniu-se e aqui a democracia já perdeu qualquer direito moral de continuar a moldar o destino do nosso povo!

Tendo em conta a situação mundial, é perdoável que a reunificação, mesmo mais de trinta anos após o armistício, tenha continuado a ser um objectivo ilusório. Mas é um crime contra a missão histórica do nosso povo o facto de os democratas terem permitido que a unidade não seja hoje entendida nem como um objectivo nem como uma tarefa.



NS KAMPFRUF
KAMPFSCHRIFT DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITERPARTEI AUSLANDS- UND AUFBAUORGANISATION

Der Kampf geht weiter !

Sechzig Jahre nach der Kapitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 ist die nationalsozialistische Bewegung stärker als je zuvor in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene.
Militarität von Massenterror, Völkermord, Vertreibung und Verdrängung haben nicht abgenommen, das Kalte der globalen Welt ersetzt hoch gelobte Völkern. Adolf Hitler ist zurück.
Alle Nationalsozialisten sind wieder aktive Völkern- und Rassenkämpfer. Die Bewegung ist stärker als je zuvor, weil die Größe des heutigen Völkern ist heute noch viel größer als in der Vergangenheit.
Die vorwiegend gegen die Juden, die "Völkern" - gegen alle weißen Völkern (1) - zu kämpfen. Seine Mittel sind Erziehung, Überzeugung und Kampferziehung.
Die "Völkern" oder "Völkern" ist ein Propagandainstrument, das auf seine Schicklichkeit an der Juden Nationalsozialisten ist seine Pflicht.
Hilf Hitler!
Gottfried Lueck



TROTZ VERBOT NICHT TOT!



Boletim de Notícias NS
www.nsdapao.org
#1005 19.06.2022 (133)
NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.
Par favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.
Molly: Bem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Exército da Humanidade (www.mountingtheancient.com/truth.htm). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informações sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pensar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado.




The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the postwar National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.
Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.
All National Socialists and other racially-aware entrepreneurs and social kinemen fight with his side for the preservation.
The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.
The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are anti-White immigration, culture destruction, and neo-racism.
Whether "legal" or "illegal", whether in civilian battle or street battle, whether armed with propaganda material or on a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!
Hitl Hitler!
Gottfried Lueck



TROTZ VERBOT NICHT TOT!

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com



NSDAP/AO
Fight Back!



nsdapao.org
Contact us to find out how YOU can help!